



Ponte: nada de renúncia de ministros

Líder antecipa a divisão da ala moderada do PMDB

Os moderados do PMDB vão esperar que as campanhas pela Presidência da República avancem um pouco mais, antes de definirem o rumo que tomarão. Segundo o líder do Governo na Câmara, deputado Luís Roberto Ponte (RS), dificilmente será alcançada a uniformização nos procedimentos, defendida por integrantes do grupo. Eles terminarão por se separar entre candidatos dos vários partidos, principalmente se continuar o veto imposto pela parcela afinada com o candidato a Vice-Presidente da República, Waldir Pires.

Deputados e senadores exigem que os ministros renunciem antes de subirem no pânque do PMDB. Ponte rejeita a imposição, mostrando que ela prejudicará sobretudo o partido. Caso perca mesmo o apoio de cerca de 80 deputados, a chapa deixará de receber em torno de dois milhões de votos, segundo cálculos feitos pelo grupo, levando-se em conta o potencial de votos de cada um de seus membros. "Em Goiás e no Pará, a votação será majoritária, se comandada pelos ministros Iris Rezende e Jader Barbalho", exemplificou.

O líder confessa-se, hoje, numa situação no mínimo estranha: ele quer muito trabalhar por Ulysses Guimarães, mas sem atender a nenhuma exigência dos progressistas. O deputado, a exemplo de outros moderados, tem recebido apelo dos próprios progressistas — "de uma parcela majoritária de pessoas equilibradas e de bom senso", no sentido de que não se afastem da campanha de Ulysses. O próprio candidato, em conversa com o líder do Governo, deixou claro que quer tê-los por perto. "Externamos nossa saudade e solidariedade recíproca", conta Ponte, sem avançar mais no diálogo então mantido.

O líder assegura que esta situação de espera não ultrapas-

sará o mês de junho. E uma posição inédita, ele reconhece, mas que vem sendo mantida somente em respeito ao próprio candidato e à maioria dos progressistas descontentes com qualquer tipo de veto. Inclui-se no caso, de acordo com Ponte, o próprio presidente do partido, Jarbas Vasconcelos, com quem ele conversou demoradamente há poucos dias.

"Não podemos aceitar essa visão equivocada, eleitoreira e interesseira patrocinada pelo ex-governador da Bahia" argumenta, dizendo-se ele próprio incomodado em ter Waldir Pires na chapa de seu partido. Ao contrário diz ter em Ulysses Guimarães "o único candidato com perfil de estadista" na disputa pela Presidência da República.

Luís Roberto Ponte acredita que, longe do PMDB, os moderados vão se dividir entre os candidatos Fernando Collor (PRN), Aureliano Chaves (PFL) e um ou outro com Leonel Brizola (PDT). O Senador Mário Covas (PSDB) não deverá entrar na lista, em protesto pelas posições que assumiu na Constituinte. Jânio Quadros (PSD) ficará de fora exatamente por não conseguir decolar. Quanto ao próprio apoio, o líder diz que deverá manter-se neutro, caso não possa apoiar abertamente Ulysses. O certo é que não votará em Brizola nem em Collor. O primeiro porque, diz, conhece-o bem, o segundo por ter "péssimas informações contra ele".

Ele acredita que o Governo não entrara na disputa, mantendo-se o presidente Sarney como árbitro. "Quando muito, vai torcer pelo nome que julgar melhor para o País", previu. Mesmo que o quadro seja outro, o líder não vê nenhum empecilho a seu apoio a Ulysses, "já que minha autonomia e liberdade estão de todo preservadas", afirmou.